



Ο Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Γωσήφ

HOMILIA

III Domingo da Quaresma

«A adoração da Santa Cruz»



*«Se alguém quiser vir após mim,
negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me».*

A Igreja coloca no coração da quaresma a adoração à Santa Cruz e uma leitura evangélica que nos dá a chave de leitura, não só deste exercício espiritual, mas de toda a vida em Cristo.

O Cristo-Messias é absoluto em suas instruções aos seus discípulos e seguidores em geral. Essas *instruções-convites* não são de natureza religiosa, nem ética-moral, é claro, mas devem ser compreendidas no quadro mais profundo da redenção e do processo pessoal - existencial e ontológico - da reconfiguração com esses novos parâmetros que impulsionam este já advindo «Reino» de Deus.

Primeiro, devemos entender que a decisão de seguir Cristo-Messias é nossa. Não há obrigação de sua parte. Nem há necessidade. Deus nos cria à sua imagem e com a capacidade de alcançar sua semelhança, e é por isso que, neste contexto criativo-redentivo, a liberdade do homem, sua capacidade de auto soberania é fundamental para que ela seja cumprida. De fato, **não há perfeição sem liberdade. Tampouco, sem Graça, ou seja, sem a intervenção direta de Deus que se apoia nessa liberdade e dela se projeta para toda a existência da pessoa.**

A operação da auto soberania como um atributo natural da alma humana enquanto ser criado e racional, é profundamente ferida pelo pecado original. A violenta separação do binômio auto *soberania-Graça* diminui drasticamente o alcance da operação, posto que agora o homem já não é mais soberano de si mesmo, de sua própria existência, mas da projeção perversa dela, chamada «ego».

Como consequência, separa-se a liberdade da auto soberania. Uma coisa é escolher de acordo com o «ego» - o estado perverso do Ser - e outra é ser autoconsciente da realização do próprio «Ser» e, conseqüentemente, ser soberano de suas ações, pensamentos, sentimentos e emoções. O homem nesta situação permanece livre, mas ele não é totalmente auto soberano de suas ações, pensamentos, emoções e sentimentos. A natureza caída do homem perverte esta operação e sua eficácia, sempre baseada na

operação racional e noética própria da alma¹. **Embora isso de forma alguma o dispense da responsabilidade por seus atos.** A limitação é em termos de profundidade, não na extensão da operação.

Consequentemente, *degenerada* a liberdade-auto soberania por causa da ferida na operação noética do homem, a **«receptividade»** dela² é reduzida, especialmente para as coisas divinas e para a naturalidade própria e primigênia, agora desconfigurada.

É por isso que o Cristo-Messias diz **«se alguém quiser...»** uma vez que a escolha em questão neste estado de natureza do homem já não evoca mais a adâmica **«conaturalidade-reciprocidade»**, mas exatamente o contrário. De fato, o anteriormente conatural, é agora não natural; e vice-versa.

O Cristo-Messias vem restaurar aquela natureza caída. E ele o faz, e não só a restaura, mas aperfeiçoa, unindo-a em Si mesmo com a natureza de toda a divindade. Portanto, há a possibilidade de ascender essa natureza reconstituída, aperfeiçoada e elevada. Não obstante, é necessário tomar a decisão de **«sair»** do estado que abriga as tendências e estigmas adâmicos e reconfigurar-se ao esquema erístico. Este processo é o **«seguir»** a Cristo.

Mas o processo não pode ser realizado se não forem revertidos os estigmas impressos em nossa natureza e as suas tendências. Antes de Cristo não havia possibilidade, salvo em alguns casos. Agora o caminho está aberto. O «Reino» chegou, e é, pois, necessário penetrar nesta nova proposta divina. Mas **como?**

Após a eleição há uma condição sem a qual é impossível restaurar a natureza caída por esse erístico: **«negar a si mesmo e tomar a cruz»**. *É uma premissa absoluta e indeclinável*: na verdade, é o início do processo. Destruir a falsa projeção do nosso ser que se confunde com o próprio Deus; Refiro-me a desativar o «ego» e todos os seus mecanismos e operações relacionados à autopreservação e própria (pseudo) transcendência.

Não é à toa que Deus dá a chave já no tempo de Moisés para corrigir essa tendência pervertida: *«Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Portanto, amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! Tu as inculcarás aos teus filhos e delas falarás assentado em tua casa e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te*

¹ Mas essa característica dos homens também responde ao seu carácter de seres criados, que é a mutabilidade, a relatividade. Essa mutabilidade é realizada de acordo com os níveis de perfeição das criações. Mutáveis são os anjos, os homens e os animais, mas não todos da mesma maneira. No caso dos homens, diz Damasceno evocando Nemésio de Emesa *«(...) por necessidade a liberdade está como suporte do racional: ou não será um ser racional, ou se for racional será livre e soberano de suas ações. Assim, seres irracionais não são livres: eles são conduzidos pela natureza, não a conduzem. Em vez disso, o homem - continua Damasceno, racional conduz a natureza, antes de ser conduzido por ela. Aquele que assim o deseja, se realmente quiser, tem o poder para deter o apetite ou aderir a ele»*. SAN JUAN DAMASCENO, *Edición Exacta De La Fé Ortodoxa*, 27 1411, Ciudad Nueva, Madrid 2003, pág. 142.

² Os Padres falam que a imagem de Deus se mantém no homem, mas obscurecida, e desta forma é prejudicada a dinamicidade para a semelhança.

*serão por frontais entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas»*³. Este não é um simples mandamento como muitos o interpretam. É a **fórmula** necessária para seguir um caminho radicalmente diferente do proposto pela serpente; para corrigir as tendências de nossa natureza; para «**seguir**» *o-que-virá* assumindo e crucificando para sempre a natureza adâmica em Si Mesmo. Esta é a fórmula que acaba com todas as formas e tentativas de **idolatria** - consequência da natureza caída - como a egolatria, crematolatria, fimolatria, tipolatria e todo o tipo de culto a coisas criadas - reais ou fantasiosas.

É claro que o Cristo-Messias não pode ser seguido se não se nega (este culto) a si mesmo e as coisas e circunstâncias criadas. «**Negar**», nesse contexto, significa «**destruir**» a *auto referencialidade* na qual toda a nossa construção existencial, sua hierarquia e sua axiologia se baseiam. Eliminar qualquer tendência de exaltar, idealizar, absolutizar e, finalmente, divinizar as pessoas, coisas, circunstâncias e até mesmo nossos apegos a elas, nossas ações, desejos, sensações, emoções e sentimentos que operam nesse contexto paranormal.

É necessário quebrar o ciclo vicioso que - na fantasia, por certo - promove o prazer - hedonismo em todas as suas formas e aplicações - contra o medo, a tristeza e a desesperança que geram inevitavelmente a centralidade do «ego», do eu idolatrado em sua necessária solidão e isolamento - e as tendências idolatrantes de uma existência que tem alterada a hierárquica dinamicidade existencial, axiológica e espiritual.

É por isso que a mensagem da Cruz é, como diz o Apóstolo, para alguns loucura, e para outros poder de Deus⁴. E me pergunto: particularmente nestes tempos, **como podemos pregar uma mensagem que mina os fundamentos ideológicos de uma sociedade e de uma cultura? Como podemos proclamar uma mensagem que atenta contra o individualismo, o personalismo, o hedonismo que sustenta uma sociedade privada de receptividade em relação às «religiosidades» que se mostraram autoimunes a ela por séculos? Será que a mensagem da cruz fala de *insanidade* psicológica, tal como então o Apóstolo nos descreve? Será que a mensagem é extemporânea?**

O que devo fazer para seguir esse caminho? Como devo comunicá-lo hoje? Como devo enunciar a loucura, a insensatez, a temeridade, meu romantismo exacerbado encravado no Cristo? Eu sempre penso sobre isso. Estou pensando nisso hoje. Eu e os meus sacerdotes. Nós discutimos sobre isso; nós refletimos sobre isso; tentamos encontrar fórmulas pastorais, comunicativas, sociais e filantrópicas, para continuar proclamando essa loucura. Parece que o bom êxito não nos acompanha. E, está tudo bem, que assim seja! Porque na verdade, a proclamação - o *kérygma* - não é uma incitação, é um convite. Como o de Cristo: «*Aquele que quiser...*» A nós compete semear, semear, tão somente. A colheita é Cristo quem faz.

Então, qual é a fórmula de contagiar essa loucura?

Apenas um: «*negar-se a si mesmo, tomar a cruz e segui-lo*». Uma e outra vez; até o cansaço; até a morte. **Este é o *kérygma***: encarnação a todo custo da Palavra; ora vociferando, ora no maior e mais completo silêncio: *imitatio Christi*.

³ Dt 6:4-7.

⁴ 1 Cor 1: 18.

Afinal, o que importa é Cristo. Ele e somente Ele é o protagonista desta história; da **minha história**; e a história de todos aqueles que o escolhem. Fazemo-nos nada para que Ele seja tudo para todos; desaparecemos para que Ele apareça a todos; esvaziamos-nos para que dele nos faça plenos e assim possamos compartilhá-lo com todos; Ele - Cristo - aqui e agora; e então; e sempre. Então, **não me importa estar louco**. Não me importa não me conectar com esta cultura, ou fazer parte de qualquer sistema. Não me importa este autoexílio. **Nada mais me importa que não seja Cristo e sua réplica em cada homem e mulher atravessarem minha vida.**

Só me resta agora uma segurança, a do Apóstolo:

«...nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor⁵».

Amém.



⁵ Rm 8:38,39